

Joaquim Redig

**Não há cidadania sem informação, nem informação sem design**  
*There is neither citizenship without information nor information without design*

design, informação, cidadania

Neste artigo procuramos inicialmente chamar a atenção para a importância da criação da SBDI para o processo de desenvolvimento do Design no Brasil, identificando os agentes e antecedentes locais e nacionais desse processo. A partir daí o artigo concentra-se em analisar os componentes constitutivos do Design de Informação - foco no receptor, analogia, clareza, concisão, ênfase, coloquialidade, oportunidade, estabilidade, entre outros - e em observar como eles participam do processo de comunicação, nessa área do Design. Através de exemplos detectados no uso cotidiano da informação pública em nosso contexto, buscamos verificar como a presença ou a ausência desses componentes contribuem para o fortalecimento ou para o enfraquecimento da noção de cidadania.

## 1. Introdução

Embora represente o acúmulo de muitos anos de ensino e prática sobre o assunto, este texto é resultante de reflexões e anotações que fiz para uma palestra no Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação, citado adiante. Venho desde então utilizando este material para cursos que tenho dado em diversas regiões do Brasil e em outros países da América Latina, e, após acrescentar-lhe algumas referências históricas, tenho a satisfação de encaminhá-lo para publicação na revista da SBDI, instituição que originalmente o motivou.

## 2. Temática

### **Antecedentes – processo de tomada de consciência**

Realizou-se em Recife, em Setembro do ano passado, na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), o primeiro encontro sobre Design de Informação no Brasil (Congresso Internacional de Design da Informação e Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação), organizado pela recém fundada SBDI, Sociedade Brasileira de Design da Informação, com sede nessa Cidade.

Internacionalmente, este tem sido um tema de discussão importante para o Design desde meados dos anos 1970, com eventos como a criação do IIID (International Institute for Information Design, sediado na Áustria), a edição do Design Information Journal, e do boletim da Glyphs Inc., entidade internacional liderada pela antropóloga Margaret Mead e pelo designer Rudolf Modley, que visava a disseminação da Pictografia como linguagem universal.

Nacionalmente, este evento em Pernambuco representa a primeira tomada de consciência brasileira (coletiva) sobre a questão, após meio século de história do Design no nosso país. Embora nesse período tenha florescido o Design Gráfico nacional, setor a que está vinculado o Design de Informação, esta especialidade permaneceu aparentemente esquecida, tanto pela teoria, nas escolas, quanto pela prática, nos escritórios, empresas e repartições – a não ser em alguns ensaios isolados, como o sistema de Comunicação Visual do serviço de ônibus urbano do Recife, de Edna Cunha Lima, ou o de São Paulo, de Cauduro/Martino, ou a sinalização urbana do Rio de Janeiro, da PVDI, de Aloisio Magalhães, só para citar grandes projetos pioneiros (todos dessa época, meados da década de 1970).

No entanto, sua importância e necessidade nunca foi pequena. O passar do tempo e a permanência (portanto, o agravamento) dos problemas – como o caso (crítico) da (ausência de) comunicação visual nos transportes urbanos de ônibus, principal meio de locomoção das cidades brasileiras – apenas acentuam a necessidade de atenção dos designers a esta área.

Soma-se a isso o crescimento do valor da informação, com a disseminação mundial da Informática, e a recente expansão da área de Web Design, para a qual o Design de Informação é imprescindível, embora muitas vezes relegado ao segundo plano (substituído por estéticas de marketing divertidas para quem quer só se divertir, mas irrelevantes para aqueles que buscam informação na web com determinado objetivo).

Estes são alguns antecedentes, ainda que indiretos, da fundação da SBDI em Recife, em 2002, entidade que representa o início do processo de institucionalização da disciplina do Design de Informação no país.

Seus antecedentes diretos foram a criação, em 2000, pelos professores Solange Coutinho e André Neves, do Curso de Especialização em Design de Informação (único no país), no Departamento de Design da UFPE, e, em 2001, do Grupo de Pesquisa em Design de Informação (vinculado ao CNPq), liderado pelas professoras Solange e Carla Spinillo, com a participação de Stephania Padovani, Luciana Freire, e Evelyn Rodrigues, que organizaram esse encontro científico internacional, pela primeira vez realizado no Brasil, repito. Hoje, o curso de Mestrado em Design da UFPE oferece uma área de concentração em Design de Informação. E, agora, temos o lançamento da Revista Brasileira de Design de Informação, órgão de divulgação eletrônica da SBDI.

Indo um pouco mais atrás, a professora Solange Coutinho, uma das principais agentes desse processo, declara que foram os professores Edna e Guilherme Cunha Lima, formadores de sucessivas gerações de designers na UFPE, e por muitos anos profissionais atuantes, de forma pioneira, no mercado do Design Gráfico local, que estimularam na atual geração de professores dessa Escola o interesse pelo Design de Informação. Além disso, novamente, nos surge a clareza metódica, erudita e sempre pioneira de mestre Gui Bonsiepe, que em 1993 introduziu o tema do Design de Informação no Recife, em sua palestra no 1º. Seminário Nacional de Educação em Design Gráfico.

Não foi à toa que o início da tomada de consciência coletiva sobre essa questão no Brasil veio dessa Cidade. Muitas outras centelhas que alimentaram o desenvolvimento do Design Gráfico brasileiro têm vindo de lá. Historicamente – e por aí podemos chegar até às iniciativas pioneiras de Maurício de Nassau no sentido de implantar a imprensa no Brasil, só para dar um exemplo clássico - Recife tem sido berço e palco de fatos e atores determinantes para o desenvolvimento da disciplina e da profissão do Design no Brasil. Não sendo especialista em história pernambucana, acho que devo apenas lembrar aqui alguns exemplos importantes: O Jomal do Commercio, Vicente do Rego Monteiro, O Gráfico Amador, Aloisio Magalhães, Gastão de Holanda, João Roberto Peixe, a APD-PE (Associação Profissional dos Designers de Pernambuco).

O grupo que agora se estruturou na UFPE em torno do tema da Informação no Design pode ser uma continuidade dessa linha – melhor dizendo, dessa linhagem. No que depender dos alunos desse núcleo da UFPE (Grupo de Pesquisa em Design da Informação), parece que não precisamos nos preocupar: os trabalhos apresentados no congresso nacional eram de ótimo nível, às vezes até mais interessantes que os apresentados pelos convidados internacionais, veteranos pesquisadores, muitos vindos da Inglaterra, da Universidade de Reading, onde se pós-graduaram alguns professores de Design Gráfico da UFPE (os ingleses são grandes mestres no assunto **Informação e cidadania**: o mapa do metrô de Londres, ícone do Design de Informação internacional, desenhado nos anos 1930 e ainda hoje mundialmente copiado, ou re-produzido, é uma prova contundente).

### Design industrial x design gráfico

Já nos anos 1980 a revista inglesa Design, uma das mais importantes na área, predizia que, com a Informática, a função do **designer industrial** tenderia a perder complexidade e importância para a do **comunicador visual** (ou do designer gráfico) na medida em que os produtos eletrônicos tendem a ser materialmente iguais - uma placa de circuito impresso, uma botoeira, e um display - embora possam cumprir funções totalmente diferentes, graças à informação que contém. Resumindo, o **hardware (material)** é o mesmo, o que muda é o **software (Informação processada pelo hardware)**. Exemplo: Uma calculadora é igual a um controle remoto que é igual a um telefone sem fio. A diferença é a função que cumprem, dada pelo software (um faz contas, o segundo controla aparelhos à distância, e o terceiro transmite voz). A tendência, utopicamente, é termos 1 só aparelho que, dependendo das teclas que se aperte, cumprirá TODAS as funções que hoje dezenas ou centenas de tipos de aparelhos diferentes cumprem, na nossa vida cotidiana. Um só Design de Produto, para centenas de Designs de Informação.